

NINA GUERREIRO

O LAGO DE ALMAS PERDIDAS

Editora



SUMÁRIO

CAPÍTULO I ----- página 4

CAPÍTULO II ----- página 13

CAPÍTULO III ----- página 22

CAPÍTULO IV ----- página 23

CAPÍTULO V ----- página 30

CAPÍTULO VI ----- página 36

ÚLTIMAS NOTÍCIAS LOCAIS
Terça-feira, 5 de setembro de 2019

ADOLESCENTE AFOGADO
NO LAGO VELHO

Ontem à noite, foi encontrado o corpo de Isaac Evans, de 17 anos, no Lago Velho.

O menino estava desaparecido há três dias e, depois de muito investigar, a polícia o encontrou sem vida no lago. Ele foi visto pela última vez no dia primeiro deste mês em casa por sua irmã mais nova, Sarah Evans, que afirma não ter percebido nada de diferente em seu comportamento.

Não se sabe ao certo o que aconteceu. Os oficiais que colaboraram nas investigações acreditam que ele tenha caído acidentalmente e não conseguiu nadar de volta às margens, porém ainda não descartaram a possibilidade de suicídio. O corpo foi levado e a autópsia será realizada em breve.

Mais informações sobre o caso serão divulgadas assim que possível. Enquanto isso, aos familiares e amigos de Isaac, todos nós do jornal sentimos muito por sua perda e esperamos sinceramente que Isaac descanse em paz.

CAPÍTULO I

LUCAS

Isaac e eu nos conhecemos aos 6 anos de idade. Ele estava construindo uma fortaleza de areia no parquinho perto da minha casa e eu pedi para ajudar. Ele não deixou, então eu pulei em cima da construção, como qualquer outra criança em sã consciência faria. Nós somos melhores amigos desde então.

Eu lembrei dessa história enquanto me arrumava para o funeral. *Eu posso contar sobre esse dia se a família dele quiser que eu fale alguma coisa*, eu pensei. Histórias leves como aquela pareciam apropriadas para a situação.

Na realidade, eu não fazia ideia do que era apropriado para a situação. A única vez que eu tive que ir a um funeral foi quando minha bisavó morreu de velhice quando eu tinha 4 anos. *Como agir no funeral do seu melhor amigo de 17 anos que pode ou não ter tirado a própria vida?* Não é o tipo de coisa que eles ensinam na escola.

Eu parei por um segundo e olhei meu reflexo no espelho. Eu estava usando um terno preto simples. Meu cabelo estava bagunçado e meus olhos estavam levemente avermelhados. Percebi que estava, e aparentava estar, exausto. Minha cabeça estava latejando e, de repente, o simples ato de respirar pareceu exigir tanto esforço e energia de mim que eu precisei me apoiar na parede do meu quarto para não entrar em colapso ou alguma coisa

assim. Muita coisa tinha acontecido nos últimos dias e tudo aquilo estava começando a pesar nas minhas costas.

Há alguns dias, nesse sábado de manhã, Sarah me ligou. Ela disse que Isaac não estava atendendo o celular e perguntou se eu estava com ele. Eu respondi que não o via desde o jogo de quarta (eu e ele estávamos no time de vôlei da escola, nós tínhamos ganhado um jogo importante contra um colégio de outra cidade na quarta e, quando isso acontecia, nós tirávamos o resto da semana de folga). A lembrança do jogo pareceu deixá-la muda por um tempo, então ela se recompôs e me contou que ele tinha saído no dia anterior sem as chaves e ainda não tinha voltado para casa nem dado notícias. Ela disse que não queria preocupar os pais, que estavam viajando, e me pediu ajuda para encontrá-lo. Eu disse que estaria na casa deles em 10 minutos.

Nós passamos o dia inteiro procurando por ele. Ligamos um milhão de vezes e deixamos um milhão de mensagens. Eu percebi que aquilo realmente podia ser sério quando me vi dirigindo o carro caro da mãe deles com Sarah na carona pela cidade inteira ciente de que eu tinha acabado de fazer 18 anos e era um péssimo motorista.

O lago foi o último lugar por onde nós passamos naquele dia e ele não estava lá. Não na superfície, pelo menos. Nós paramos por um segundo e olhamos ao redor do parque ecológico que cerca uma das margens do lago.

—É lindo, mas não tem ninguém aqui. —Eu falei, desanimado, enquanto observava o pôr do sol.

Sarah não disse nada, então eu desviei o olhar para ela.

Seu rosto estava pálido e seus olhos estavam levemente avermelhados, como se ela estivesse prestes a começar a chorar. Ela parecia perturbada, como se tivesse perdido a esperança. Eu fiquei em silêncio tentando encontrar a coisa certa para dizer. Eu não podia perguntar se ela estava bem ou o que estava errado, isso era óbvio. Eu não podia dizer que ia dar tudo certo, porque, por mais que eu mesmo quisesse acreditar nisso, eu não tinha como saber. Então eu só a abracei.

Eu não me lembro muito bem do que aconteceu depois, nos próximos dias. Talvez seja algum tipo de amnésia seletiva. Mas, resumindo, eu sei que levei Sarah para casa e passei a noite lá para que ela não ficasse sozinha. Nós provavelmente ligamos para os pais dela, Luísa e Gustavo, e reportamos o desaparecimento de Isaac para polícia naquela noite. Eu me lembro de que nós fizemos macarrão, mesmo sabendo que nenhum de nós dois teria vontade de comer. Eu falei com um detetive (não me lembrava de seu nome, mas sei que ele era meio babaca) na manhã seguinte e lembro de Sarah e eu termos bebido pelo menos duas garrafas de vinho da adega dos pais dela durante a tarde. Acho que eles conseguiram pegar um voo no domingo de noite e chegaram em casa de madrugada, quando nós já estávamos dormindo. Eu

lembro de ter conversado vagamente com Luísa ao amanhecer enquanto ela tomava chá. Acho que ela não tinha dormido nada. Ela me agradeceu por ter ficado e feito companhia a sua filha e disse que eu devia ir para casa descansar. Então eu fui.

Eu dormi o dia inteiro na segunda. Minha cabeça estava explodindo. Eu me lembro de ter tomado alguns comprimidos para aliviar a dor ao chegar em casa e depois apagar.

Acordei depois das seis da tarde com o telefone tocando. Número desconhecido. Meus pensamentos ainda estavam um pouco embaçados, mas eu achei melhor atender. *Pode ser importante*, eu pensei.

—Alô?

—Oi, Lucas. Eu sou o detetive que falou com você ontem sobre o desaparecimento de Isaac Evans. Nós temos novidades na investigação. Você pode vir à delegacia?

—Agora?

—Sim, o mais rápido que puder. A família de Isaac já está aqui. A menina requisitou sua presença e eles decidiram esperar, se você puder vir.

—Tudo bem, estou a caminho.

Eu me levantei devagar e resolvi tomar um banho rápido antes de sair. Queria ter mais tempo para me preparar para o que quer que estivesse por vir, além de que eu não tomava banho há dois dias e estava cheirando a pó de Doritos.

Dentro alguns minutos eu já estava pronto para sair. Coloquei meu celular, carteira e chaves no bolso e peguei minha bicicleta. Passei o percurso inteiro pensando em infinitos cenários possíveis sobre os quais o detetive podia querer nos contar.

No melhor deles, Isaac tinha somente saído da cidade temporariamente e esquecido de avisar. Seu celular estava sem bateria e ele não tinha levado malas porque pretendia voltar logo.

No pior, ele tinha sido sequestrado por uma gangue clandestina que pretendia estuprá-lo e depois vender todos os seus órgãos.

De qualquer jeito, eu descobriria logo. Cheguei na delegacia menos de meia hora depois da ligação. Deixei minha bicicleta na calçada e entrei à procura de Sarah e seus pais.

Eles estavam esperando numa sala que eu presumi ser o escritório do detetive. Havia mais dois policiais de pé atrás da mesa dele, um de cada lado, como se fossem seus guarda-costas. Eu achei isso um pouco inconveniente, mas não disse nada. Eu cumprimentei

todos com um aceno de cabeça e sentei na última cadeira disponível, ao lado de Sarah.

Ela estava arrasada. Os três estavam, na verdade, e com razão. Por um segundo eu me senti um pouco deslocado ali, quis ir para casa e depois, quando fosse conveniente, ficar sabendo dos detalhes pelo telefone ou até mesmo pelo jornal, ao mesmo tempo que qualquer outra pessoa na cidade.

Mas eu precisava ficar. É isso que Isaac e eu sempre fazíamos um pelo outro. Nós sempre estávamos lá quando era preciso. É por isso que eu não acho que ele tenha se matado.

Sinceramente, não sei se ficaria surpreso se ele tiver. A verdade é que Isaac não gostava de sua vida e qualquer um que prestasse o mínimo de atenção nele conseguiria ver que o que ele mais queria era mudar o rumo das coisas, para qualquer lado que fosse. Mas haviam coisas o mantendo aqui. Ele nunca deixaria as pessoas com quem ele se importava porque ele se importava mais conosco do que com ele mesmo e eu acho que, de certo modo, isso o controlava.

As pessoas têm essa ilusão de que a vida é uma escolha, mas não é, e Isaac sabia disso. Todos nós somos controlados pelas circunstâncias das nossas vidas e não há nada que possamos fazer sobre isso. É quase como se essas circunstâncias fossem parte de uma chantagem emocional constante e extremamente inteligente.

Eu tenho pensado bastante nisso desde aquele encontro com o detetive. Quando ele nos disse que um corpo com características que se enquadravam na descrição de Isaac tinha sido encontrado no lago, foi como se eu tivesse entrado em estado catatônico. Ou como eu imagino que isso seria. Eu perdi completamente o foco na realidade e não consegui falar nem processar nada do que estava acontecendo.

Não sei exatamente quanto tempo eu fiquei assim. Quando minha mente se organizou e me obrigou a voltar para a vida real, um dos policiais estava guiando os pais de Isaac para fora do escritório. Eu perguntei para onde eles estavam sendo levados e acabei soando mais acusatório do que eu gostaria. Sarah pareceu um pouco brava por eu não estar prestando atenção, ela revirou os olhos, que estavam levemente vermelhos e inchados, tentando não começar a chorar de novo, e respondeu que eles precisavam identificar o corpo no necrotério. Eu segurei seu pulso de leve e nós ficamos em silêncio enquanto esperávamos, ansiosos demais para falar qualquer coisa.

Sarah é menos de dois anos mais nova que Isaac. Eles são bem parecidos, têm os mesmos olhos e cabelos castanhos-claros. Os dois sempre foram muito próximos, então nós passamos bastante tempo juntos. Ela é quase uma irmã para mim também e, com a chance de nunca

mais vermos Isaac, nós precisávamos um do outro naquele momento mais do que nunca.

O policial voltou com Luísa e Gustavo depois de 20 minutos. Ao ouvirmos a porta se abrindo, nós nos viramos para trás imediatamente, transbordando nervosismo. Meu coração parou ao vê-los. Eles estavam tentando manter a expressão neutra, mas dava para ver que, por trás disso, eles estavam desesperados. E o motivo era óbvio; eles tinham perdido um filho.

Luísa olhou para mim e, ao perceber que eu já tinha entendido, parou de se esforçar para fingir. Ela fez que sim com a cabeça, respondendo à pergunta que nós estávamos com tanto medo de perguntar, e desabou. O marido a envolveu com os braços e eu me perguntei se eles teriam força para continuar juntos depois daquilo. Eu tinha visto em algum lugar que a maioria dos casais se separam depois da morte de um filho.

O resto do tempo que eu passei naquele escritório é outro espaço em branco na minha memória. Eu só me lembro de estar sentado na calçada do lado de fora da delegacia com falta de ar e com uma sensação estranha na barriga. Eu me dei conta de que não tinha comido nada naquele dia. Apoiei meus cotovelos nos joelhos e cobri o rosto com as mãos. Fiquei assim até me recompor parcialmente. Depois, peguei minha bicicleta e pedalei até a lanchonete mais próxima.

CAPÍTULO II

SARAH

Eu odiei ler meu nome no jornal quase tanto quanto eu odiei ler o de Isaac. Na minha cabeça, pareceu que eles estavam me acusando de alguma coisa, como se eu pudesse tê-lo salvo. Talvez eu pudesse. Eu podia ter perguntado aonde ele estava indo. Eu podia ter ido junto com ele. Eu podia ter avisado a polícia mais cedo. Mas eu não fiz nada disso porque era só um dia normal. Ele provavelmente estava indo a alguma loja ou encontrar alguém, eu pensei, porque é isso que ele faz em dias normais. Então, quando ele se despediu antes de sair, eu só acenei sem tirar os olhos do livro de física em cima da ilha da cozinha, porque essa é uma despedida conveniente para dias normais. Quando me virei para a porta, ele já tinha saído. Poucos minutos depois eu percebi que ele não havia levado sua chave de casa, mas isso também pode acontecer em dias normais, embora seja incomum para Isaac, ele sempre lembrava de tudo, mas talvez ele só estivesse distraído. Não era nada demais, de qualquer jeito, eu provavelmente ainda estaria no mesmo lugar (estudando) quando ele voltasse, *eu posso abrir a porta para ele quando ele chegar*, eu pensei. Então eu voltei a estudar, mas não tive a chance de abrir a porta para ele.

Eu e Lucas passamos o dia seguinte inteiro tentando encontrá-lo. À noite, Lucas me convenceu de que aquilo já tinha saído do nosso controle e nós reportamos o

desaparecimento à polícia e eu liguei para meus pais para contar tudo.

Eles estavam na Argentina a trabalho. Os dois são diplomatas, então eu não queria preocupá-los enquanto eles estavam tentando impedir uma Terceira Guerra Mundial ou o que quer que fosse, mas percebi que não tinha outro jeito.

Lucas passou a noite no quarto de Isaac. Era estranho estar lá sem ele, sem saber onde ele estava ou o que ele estava fazendo. Eu demorei muito para conseguir pegar no sono e tudo isso me fez lembrar de quando eu era criança. Sempre que eu tinha pesadelos, coisa que acontecia frequentemente, eu acordava Isaac no meio da noite e ele me deixava ficar em seu quarto e inventava histórias até eu conseguir dormir. Eu sorri no escuro com essa memória, mas logo depois me senti péssima. Ele nunca tinha desaparecido desse jeito antes, eu estava começando a ficar preocupada de verdade.

Na manhã seguinte, eu acordei com batidas na porta e, por um breve momento, tive esperança de que podia ser Isaac. Eu peguei meu celular, não tinha nenhuma mensagem. Eram 9h. Eu me levantei e coloquei uma roupa mais ou menos apresentável. Alguém bateu à porta de novo.

—Calma aí! —eu gritei, enquanto descia as escadas correndo.

Ao olhar através do olho mágico, me deparei com um homem branco de meia idade vestido com o uniforme da polícia. Eu abri a porta e ele se apresentou como detetive Marcus. Disse que queria conversar com algum adulto sobre o desaparecimento de Isaac, reportado na noite anterior. Eu não sabia o que fazer, então o deixei entrar.

—Eu sou a irmã dele. Meu nome é Sarah. Nossos pais estão viajando, mas eles devem voltar logo.

—Entendi. Quantos anos você tem, mocinha? — seu tom me deu vontade de bater na cara dele com toda a minha força, mas ele só estava tentando ajudar, então eu ignorei.

—Dezesseis. —eu respondi.

—Tem alguém maior de idade com quem eu possa falar?

Eu lembrei que Lucas, que já tinha feito 18, ainda estava lá em cima, dormindo. Subi as escadas correndo de novo e o acordei. Eu expliquei para ele que tinha um policial sentado no meu sofá esperando para falar com um adulto e deixei os dois conversando. Achei que seria melhor me retirar voluntariamente do que ser expulsa da minha própria cozinha, então voltei para o quarto de Isaac.

O lugar estava uma bagunça, mas eu ainda conseguia sentir o cheiro dele. Seu quarto era bem maior que o meu; privilégios de filho mais velho, eu imagino. Eu fiquei lá até às 10h30, quando Lucas veio me chamar. O

detetive já tinha ido embora e ele tinha preparado café da manhã. Ele parecia estar um pouco distante, mas se esforçou para sorrir, então eu me esforcei também.

Nós passamos o resto da manhã tentando pensar em qualquer coisa que não Isaac e deixar essa questão com as autoridades, mas era quase impossível fazer isso enquanto sóbrios, então, à tarde, nós dois invadimos a adega do meu pai e acabamos cedendo à bebida. Eu bebi só o suficiente para desviar a mente do assunto, mas Lucas bebeu demais, eu duvido que ele lembre de alguma coisa daquele dia. Ambos apagamos na sala de estar antes das 22h e, quando eu acordei, não era mais Lucas que estava comigo, e sim meus pais.

Eles haviam chegado de madrugada e estavam conversando na cozinha quando eu me levantei. Eu estava um pouco irritada com eles por terem demorado tanto e acho que eles estavam um pouco irritados comigo por estar de ressaca, mas foi muito bom vê-los. Aqueles poucos dias que eles estiveram fora pareceram ter sido semanas. Eu abracei os dois e sentei para conversar e comer alguma coisa com eles.

Mais tarde, o detetive Marcus voltou com uma equipe de dois policiais para falar comigo e com meus pais e para revistar a casa. Eles levaram o computador de Isaac e rastrearam seu celular. Eu não achei que eles fossem encontrar mais nada de valor para as investigações, mas havia um frasco de antidepressivos quase vazio na mesinha de cabeceira de Isaac. Os policiais trocaram um

olhar ao encontrá-lo e, naquele momento, eu não entendi o motivo daquilo ou como o frasco poderia ser útil para eles, mas agora eu entendo e faz mais sentido do que eu gostaria de admitir.

Meus pais assinaram todas as permissões necessárias para que o detetive me interrogasse. Ele me perguntou o que aconteceu da última vez que eu vi meu irmão, se eu sabia o que ele tinha feito na semana anterior e o que minha mãe e meu pai estavam fazendo fora do país, entre outras milhares de questões.

Ao final da minha interrogação na sala de estar, Marcus chamou meus pais e disse que eu já estava liberada para brincar de bonecas ou o que fosse. Eu revirei os olhos para ele e tive que me segurar para não fazer nada pior. Fui para o meu quarto e percebi que eu não tinha energia para lidar com mais nada naquele momento, então decidi sair para correr na vizinhança.

Eu era boa nisso, praticava atletismo no colégio há alguns meses e conseguia percorrer distâncias absurdas em uma velocidade muito boa. Quando eu corria, todos os meus problemas pareciam desaparecer momentaneamente, mas não foi o que aconteceu daquela vez. Eu acho que subconscientemente eu esperava encontrar Isaac perdido atrás de uma moita a 2km de casa, ou alguma coisa assim. Acho que isso foi um dos motivos de eu ter parado de correr depois de descobrir que ele tinha morrido.

Na volta para casa, me dei conta de que eu deveria estar na escola. Nem tinha cogitado ir, com tudo

que estava acontecendo e, sinceramente, não tinha nenhuma vontade de ir. Desde o jogo de vôlei dos meninos, na quarta-feira, eu estava tentando evitar situações inevitáveis até quando fosse possível. Não muito inteligente da minha parte, eu admito.

Eu normalmente ia aos jogos do meu irmão com meus pais, mas eles estavam viajando, então, na última quarta-feira, eu decidi ir sozinha.

Nosso colégio é bem competitivo, quase todos os alunos praticam algum esporte. A maioria dos jogos esportivos acontecem numa quadra aberta ao lado do prédio escolar principal. Há uma arquibancada pequena demais para a quantidade de adolescentes e famílias que vão assistir, então sempre fica muito tumultuado. Eu não aguentei ficar sozinha no meio daquela multidão barulhenta e suada por muito tempo. Estava começando a ficar claustrofóbica. Eu desci da arquibancada e me afastei da quadra, aí fui para o primeiro espaço relativamente vazio que eu encontrei, perto da cerca da escola.

Eu sentei na grama, com as costas apoiadas na cerca e vi Olívia, uma amiga de infância de Isaac, vindo na minha direção. Eu já tinha conversado com ela algumas vezes e ela sempre foi muito legal comigo. Acho que, na verdade, ela só tinha se afastado da multidão para fumar, mas mudou o rumo quando me viu e se sentou do meu lado na grama. Ela é muito bonita, tem cabelos loiros e olhos verdes.

Olívia me ofereceu um cigarro, mas eu recusei. Estava tentando preservar meus pulmões pelo menos até os 30. Nós começamos a conversar sobre o jogo e sobre o clima e esse tipo de coisa e acabamos tão envolvidas na conversa que nem percebemos o tempo passar. Quando o jogo estava prestes a acabar, pouco depois das 18h, nós estávamos rindo de alguma coisa que ela tinha dito quando Olívia me beijou. Eu olhei para ela confusa por alguns segundos, até que o apito do juiz soou e Isaac nos interrompeu para me levar para casa.

Enfim, eu estava evitando Olívia desde então.

Me perdi nessa linha de pensamento enquanto corria e, quando me dei conta, já eram mais de 17h. Quando cheguei em casa, minha mãe disse que o detetive Marcus tinha ligado. Eles tinham novidades que precisavam ser contadas pessoalmente. Meu coração acelerou. Eu liguei para Lucas, mas ele não atendeu, então, na delegacia, eu pedi para Marcus chamá-lo. Ele merecia estar lá para o que quer que fosse.

E, mais tarde naquela noite, no escritório do detetive, meu mundo se despedaçou. Ao descobrir que nunca mais veria meu irmão ou ouviria sua voz, me senti presa num pesadelo e, dessa vez, não tinha ninguém para inventar histórias para que eu conseguisse dormir outra vez.

Estou na cama desde que voltei para casa depois daquele passeio à delegacia. Não respondi mensagens ou atendi o celular, não recebi visitas, não comi nada e não consegui me levantar, mas também não consegui dormir. Meu pai acabou de bater na porta para avisar que nós vamos sair para o velório daqui a duas horas. É desesperador, mas eu percebo que não tem para onde fugir.

Não sei de onde consegui tirar forças para levantar e ir tomar banho, mas depois de sair do chuveiro, ao me olhar no espelho enrolada na toalha branca molhada, me senti um pouco melhor, não que isso significasse muita coisa. Coloquei um vestido preto da minha mãe e pensei em passar maquiagem para disfarçar a cara de zumbi, mas percebi que não me importava, caras de zumbi são aceitáveis em funerais. Então eu respirei fundo e saí do quarto pela primeira vez depois do que pareceu ter sido um longo e doloroso período pós fim do mundo. Era só um dia normal.

CAPÍTULO III

OLÍVIA

Na segunda-feira, Sarah não foi para escola. No começo, eu achei que era porque ela ainda estava me evitando, mas, durante o intervalo, eu escutei duas garotas falando sobre Isaac. Elas disseram que ele estava desaparecido. Aparentemente, o pai de uma delas trabalhava para a polícia e ela tinha escutado uma conversa sobre o caso.

Me senti muito mal. Nós éramos bem próximos, nós estudávamos juntos desde pequenos e ele namorava minha melhor amiga, Alana. Estava torcendo muito para que fosse mentira, mas eu sabia que alguma coisa não estava certa. E eu não conseguia parar de pensar em Sarah desde o jogo de quarta-feira passada.

Na hora do almoço, eu encontrei um amigo. Eu pensei que, por estar no time de vôlei com Isaac, Otto podia saber mais do que eu, mas ele disse que também só sabia dos boatos. Ele disse que tentou falar com Lucas várias vezes, mas ele não respondia desde sábado. Eu estava preocupada, mas não queria me intrometer demais onde não tinha sido chamada, então só agradei Otto e resolvi deixar quieto, *pelo menos por enquanto*.

No dia seguinte, a escola inteira já estava sabendo. Todos leram o jornal e não se falava em outra coisa. Haviam alunos pendurando cartazes de prevenção a suicídio e professores vestidos de preto para demonstrar seu

luto. Tudo isso era ao mesmo tempo tocante e de uma hipocrisia tremenda.

Além disso, haviam policiais interrogando alunos sobre o caso no meio dos corredores. Um detetive extremamente arrogante, que se apresentou como Marcus, veio falar comigo, mas me deixou em paz rapidamente ao perceber que eu não tinha nada de valor a oferecer às investigações.

Sarah faltou à escola de novo, obviamente. Eu decidi que passaria na casa dela mais tarde, mesmo que ela provavelmente não quisesse me ver porque eu queria vê-la e oferecer o meu apoio, mesmo que ela não tivesse pedido.

No final da tarde, eu ainda estava decidida de tudo aquilo, mas, ao chegar na casa deles, parei na frente da porta e fiquei imóvel. Alguns minutos depois, finalmente tomei coragem para tocar a campainha. Minhas mãos estavam tremendo um pouco, então eu segurei-as por trás das costas. O pai de Sarah me atendeu. Ele parecia estar exausto, mas mesmo assim foi educado.

—Posso ajudar?

—Oi. Meu nome é Olívia, eu sou uma amiga de Sarah. Ela está em casa? Eu trouxe o dever de casa dela.

—É muito legal da sua parte, Olívia, mas ela não está recebendo visitas agora.

—Entendi. Obrigada. Posso deixar isso com você? —eu falei, mostrando os livros e anotações que eu tinha levado.

—Claro. —eu entreguei as coisas para ele e ficamos num silêncio constrangedor por um tempo, até que eu disse:

—Eu conhecia Isaac desde que nós éramos crianças. Ele era um cara incrível. Sinto muito por sua perda.

—Obrigado.

Eu dei um meio sorriso e ele se esforçou para retribuir, então eu me virei e fui embora.

Ao chegar em casa, vi que tinha recebido o convite para o funeral. Senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. *Porque diabos esse tipo de coisa acontece a pessoas boas?*, eu me perguntei. Me obriguei a parar de pensar nisso quando percebi que não havia resposta para tal pergunta.

CAPÍTULO IV

OTTO

Na segunda-feira à noite, eu saí do treino exausto e morrendo de fome. Eu não aguentava mais o estresse do vôlei, mas era a única chance que eu tinha de conseguir uma bolsa para uma universidade decente, como meu pai gostava de me lembrar. No começo, eu gostava muito de jogar, mas agora o vôlei não é nada mais do que uma obrigação para mim. Às vezes eu só queria algum dos meninos do time que só jogam por diversão e têm dinheiro suficiente para pagar uma faculdade ou inteligência suficiente para entrar numa federal. Isaac tinha as duas coisas. Eu sempre tive um pouco de inveja dele, desde que nós éramos pequenos, mas agora é triste pensar que ele não vai poder investir sua grana e mente brilhante num futuro. É quase um desperdício, sem querer ser insensível. Eu sempre gostei dele, de verdade. Ele tinha alguma coisa que fazia com que todos o amassem ou quisessem ser como ele.

Enfim, na segunda-feira à noite, depois do treino, eu fui comer em uma lanchonete meia boca perto de casa. Ao entrar no restaurante, me deparei com a última pessoa que eu esperava encontrar. Lucas estava sentado numa mesa bem no fundo da lanchonete, como se estivesse evitando interações humanas. É provável que ele realmente estivesse, considerando o que eu depois descobriria.

Todos nós tínhamos ouvido boatos sobre Isaac na escola, mas ninguém sabia o que estava acontecendo de verdade. Como Lucas era muito amigo dele, eu tinha tentado várias vezes falar com ele naquele dia e no dia anterior para descobrir, mas acho que ele nem tinha visto as mensagens e chamadas, então eu me aproximei para perguntar pessoalmente.

Ele estava segurando uma garrafa cerveja já bebida pela metade e comia um sanduíche de frango e batatas fritas. Sua situação não era das melhores, seus olhos estavam inchados e olheiras profundas os cercavam. Eu me aproximei e o cumprimentei. Ele não me convidou para sentar com ele, mas eu sentei mesmo assim.

—Ei, eu estava tentando falar com você. —eu disse —Como você está?

—Ótimo. —ele respondeu com ironia enquanto dava mais um gole na cerveja.

—Escuta, eu fiquei sabendo que Isaac está desaparecido. Os boatos estão se espalhando rápido na escola. Você sabe o que aconteceu?

—Ele morreu. —ele disse com tanta naturalidade que eu tive que rir, afinal, só podia ser uma brincadeira de mal gosto. Mas Lucas não estava rindo. Eu me perguntei se ele estava bêbado ou sob efeito de drogas ou tendo algum tipo de surto psicótico. Ele estava estranho e aquela

conversa não estava fazendo sentido, então eu levantei sem me despedir, pedi um sanduíche para viagem e fui para casa.

No dia seguinte, descobri que Lucas estava falando a verdade. A notícia tinha saído na capa do jornal local e todos estavam falando disso. Foi um dia bem lento deprimente no colégio.

Depois da aula e do treino, eu percebi que haviam duas viaturas estacionadas na frente da escola. Eu sempre fico um pouco nervoso perto da polícia, provavelmente porque minha pele não é branca, então eu tentei fingir que não tinha visto e continuar andando quando dois detetives, um homem e uma mulher, se aproximaram de mim no estacionamento, mas eles insistiram e me chamaram.

—Ei, garoto! —Gritou o homem. Eu me virei para eles e fiquei parado, esperando que fosse alcançado.

—Boa noite. —eu falei.

—Boa noite. Nós estamos interrogando alguns alunos sobre Isaac Evans. Você o conhecia? —perguntou a mulher.

—Sim. Nós sempre estudamos juntos e eu jogava vôlei com ele no time do colégio.

—Vocês se viram na semana passada? Nós ficamos sabendo que houve um jogo na quarta.

—Sim. Nós treinamos juntos na segunda de tarde e eu não me lembro de tê-lo visto na terça. Ele teve

algumas aulas comigo na quarta e, depois do jogo, nós saímos para comer e comemorar a vitória. Depois disso eu não o vi mais. —eu tentei encurtar a resposta o máximo possível, a fim de que aquilo acabasse rápido, mas eles não ficaram satisfeitos.

—Saíram para comer? —perguntou o homem, levantando a sobrancelha depois de ter sussurrado algo que eu não consegui ouvir para a parceira. Acho que aquilo era novidade para eles.

—Isso. Eu, Isaac, Victor, Caio e Theo. Os outros meninos do time e Alana e Olívia também foram convidados, mas não puderam ir. Nós fomos a uma lanchonete aqui perto. Isaac chegou mais tarde porque teve que deixar a irmã em casa.

—Calma, Alana é a namorada de Isaac, certo?

—Mais ou menos, eu acho. Naquele dia, parecia que sim, eles quase não se desgrudaram. O relacionamento deles é complicado, eu não sei direito.

—Ok. Vocês estavam bebendo? —como eu não respondi de cara, a mulher continuou. —Pode ser sincero, nós não estamos aqui para te incriminar nem nada do tipo. Só queremos entender o que aconteceu.

—Eu não estava, meu pai é muito rígido com esse tipo de coisa, mas os outros estavam. Só vodca, eu acho. Victor e Theo compraram, os dois já são maiores.

—E Isaac estava normal?

—Acho que sim. —Eu disse, mas aí uma memória mais nítida daquela noite me veio à mente. —Na verdade, em alguns momentos ele parecia não estar completamente lá. Tipo, ele ficava com o olhar perdido e parava de prestar atenção na conversa e murmurava consigo mesmo. Eu creditei à bebida, mas, parando para pensar, acho que eu já tinha percebido isso antes. Não sei se é de alguma ajuda.

Ela assentiu enquanto anotava em sua prancheta e comentava alguma coisa em voz baixa com o outro policial. Depois, agradeceu pela colaboração e me deixou ir.

Eu fui andando para casa e passei o caminho inteiro pensando na noite de quarta e em Isaac. Era possível que ele estivesse com algum problema e ninguém se deu o trabalho de prestar atenção o suficiente para poder ajudar?

CAPÍTULO V

ALANA

Hoje eu acordei com a notícia de que Isaac está morto. Eu odiei ter ficado sabendo pelo telefone, ao mesmo tempo que toda a cidade, como se eu não significasse nada para ele. Mas qual é a importância disso agora? Ele está morto e eu nunca mais vou vê-lo novamente. Acho que, na verdade, eu só estava tentando converter os meus sentimentos verdadeiros em raiva para não precisar senti-los.

Estou tão em choque que não consigo levantar, então fico sentada na cama, ainda enrolada nas cobertas e com a notícia do site do jornal local aberta no celular na minha mão, sem conseguir desviar o olhar do porta-retratos na minha penteadeira.

Na foto, Isaac está com o braço ao redor dos meus ombros e beijando meu rosto. O céu está rosado, devido ao pôr do sol, e atrás de nós há uma roda gigante com luzes coloridas piscando. Nós tínhamos tirado a selfie num festival que aconteceu aqui no ano anterior, eu me lembro perfeitamente daquele dia. Lucas, Olívia, eu e Isaac fomos juntos e foi um dos melhores dias da minha vida. E essa foto captou bem isso, eu acho. Eu estou sorrindo como se fosse a pessoa mais feliz do mundo. Eu sempre me sentia a pessoa mais feliz do mundo quando estava com ele, por mais complicada que fosse a nossa relação.

De algum jeito nós tínhamos milhões de coisas em comum e éramos completamente diferentes ao mesmo tempo, então algumas vezes nós funcionávamos e outras vezes não. E era assim, não há muito mais o que dizer. Isaac me amava e eu amava ele e nós éramos felizes, mas era complicado.

Minha mãe entrou no meu quarto às sete e quinze para brigar comigo por estar atrasada para a escola, mas assim que ela olhou para mim, sentada na cama ainda em estado de choque, ela se acalmou e me perguntou, preocupada, se estava tudo bem. Eu balancei a cabeça negativamente e não consegui mais segurar o choro. Minha mãe veio até mim e me abraçou, então eu mostrei a notícia no celular à ela. Ao ler, ela suspirou e me segurou mais forte, como se eu fosse uma criança que tinha acabado de perder seu brinquedo preferido.

Algum tempo depois, o telefone fixo da casa tocou. Minha mãe saiu do quarto para atender e eu tentei me recompor. Engoli os soluços e fui ao banheiro lavar o rosto. Ela gritou meu nome e disse que a ligação era para mim, então eu atravessei o corredor me perguntando o que seria. Enquanto minha mãe me passava o telefone, ela sussurrou quase sem voz que era Gustavo do outro lado da linha. O pai de Isaac. Eu coloquei o telefone na orelha.

—Oi.

—Oi, Alana. Sua mãe me disse que você já soube. Eu estava ligando para te contar, desculpa pela demora, de

verdade. Nós não tivemos tempo para nada desde ontem à noite.

—Tudo bem, eu entendo... O que aconteceu?

—Não dá para saber com certeza. Ainda mais porque Ana e eu estávamos viajando na semana passada. Sarah foi a última pessoa que o viu, ela disse que ele saiu de casa na sexta de tarde e não voltou mais... A polícia encontrou o corpo no lago ontem. —Ele continuou falando, mas eu já não estava mais prestando atenção. Foi aí que eu me dei conta; Sarah não tinha sido a última pessoa a vê-lo.

—Eu vi ele.

—O quê?

—Isaac veio aqui sexta à noite. Eu estava estudando e vi ele passando pela minha casa. Ele estava olhando para o chão enquanto andava de um lado para o outro e acho que ele estava falando sozinho, então...

—Espera. —Ele me interrompeu. —Vou chamar Luísa, ela vai querer ouvir isso.

Depois de mais ou menos três minutos, ele voltou ao telefone com a esposa e eu imagino que eles tenham me colocado no viva-voz. Então, eu terminei de contar a história.

Naquela noite, eu fiquei um tempo observando Isaac pela janela do meu quarto, esperando que ele tocasse a campainha, mas nada. Então, eu descí as escadas e fui a seu encontro. Ele pareceu surpreso ao me ver, o que era

irônico, já que ele estava na frente da minha casa. Eu me aproximei.

—Ei, Isaac. Tá tudo bem?

—Não, na verdade. —Ele disse com hesitação — Meus pensamentos estão me levando a lugares estranhos e minha cabeça está explodindo e é difícil de respirar.

Eu olhei para ele preocupada e o abracei numa tentativa de acalmá-lo que pareceu funcionar por um segundo. Ele me beijou e sua respiração voltou ao normal. Então eu perguntei se ele estava bebendo ou usando alguma coisa e ele se ofendeu com a pergunta e voltou a se alterar. Eu pedi para ele se acalmar e disse que ele estava me assustando, mas minha voz não exibia nenhum sinal de medo, expressava somente autoridade. Ele ficou em silêncio. Com mais paciência, eu sugeri que nós entrássemos para conversar melhor e ele poderia passar a noite, se ele quisesse, porque já havia passado das 23h. Mas Isaac balançou a cabeça negativamente e disse que tinha que voltar para casa. Eu perguntei se ele ficaria bem, e ele me prometeu que sim.

Então, voltei para o quarto e uma onda de cansaço me atingiu. Eu me joguei na cama e apaguei, ainda pensando em Isaac.

—Acho que eu só lembrei disso agora porque meu cérebro me convenceu de que foi um sonho. Me desculpa, eu sinto muito mesmo. —Eu disse, concentrando toda a sinceridade possível. Os dois estavam chorando do outro lado da linha, então demoraram um pouco para responder.

—Não se preocupe com isso, querida. O importante é que você lembrou. —disse Ana com a voz trêmula. Meus olhos também estavam cheios de lágrimas, mas eu as ignorei, tentando manter a calma.

—Sim, está tudo bem. Acho que você vai ter que contar isso para a polícia depois. Só seja honesta, está bem? Conte para eles o que você nos contou. Vai dar tudo certo. —Eu assenti.

—E Alana... O funeral é amanhã às cinco. Nós vamos mandar as outras informações em algumas horas.

—Obrigada.

Nós lamentamos em silêncio a perda e o vazio que compartilhávamos e que provavelmente seria um laço eterno entre nós, até eles desligarem o telefone.

CAPÍTULO VI

ISAAC

Eu não sei o que me levou até o lago naquela noite. Eu não sei como ou porque eu fui parar lá. A última coisa de que eu me lembrava era de estar no quintal da casa de Alana. Eu me lembro de que ela estava tentando me acalmar. Minha cabeça estava explodindo e eu estava confuso e as vozes dentro da minha mente estavam tão altas que parecia impossível que os outros não estivessem escutando também. Era difícil de me concentrar no mundo real e o simples ato de respirar exigia mais energia do que eu era capaz de oferecer. Tenho quase certeza de que eu estava ficando louco. Foi isso que as vozes me disseram, pelo menos

Eu tento mandá-las embora ou respondê-las ocasionalmente, mas acho que elas não podem me ouvir. Elas falam do clima e de política e comentam sobre fofocas de celebridades enquanto elogiam a paisagem. As vozes sobrepostas são incontáveis e muitas das palavras são ininteligíveis. Eu as escuto até que fica insuportável e eu tenho certeza de que não consigo lidar com aquilo nem por mais um segundo.

Então, quando me dou conta, estou caindo nas águas frias do Lago Velho. Um último pico de adrenalina percorre meu corpo durante a queda e o tempo parece passar mais devagar. As vozes aumentam ainda mais o volume e gritam mais palavras que eu não consigo entender... Até que elas param.

Quando minha cabeça finalmente atinge a água, eu não escuto nada além dos barulhos do lago e, pela primeira vez em dias, me sinto bem.

Eu considerei nadar de volta às margens, eu juro que considerei, mas, naquele momento, o medo de que as vozes retornassem era maior do que a minha vontade de voltar. E nadar exigiria tanto esforço, eu estava exausto... Eu queria que minha família e meus amigos tivessem como saber que meus últimos minutos foram pacíficos e indolores. Deixá-los foi meu único arrependimento.

E agora, eles estão indo para o meu funeral.

Sarah e meus pais chegaram mais cedo para resolver os últimos detalhes com o agente funerário. São quatro e meia da tarde e o evento está marcado para às cinco. Minha mãe está vestindo um vestido preto bem passado e um pouco de maquiagem para manter as aparências. Sempre muito elegante. O terno do meu pai está um pouco amassado e sua gravata está torta, mas minha mãe arruma-a para ele quando ninguém está olhando. Ele não se deu o trabalho de esconder as olheiras, então parece esgotado, o que provavelmente condiz com a realidade, mas mesmo assim, está bonito. Já Sarah está devastada. Ela está linda, como sempre, mas Sarah nunca gostou de falsidade, sempre foi muito transparente em relação a tudo, então é possível distinguir seus sentimentos a quilômetros de distância, não importa o que ela esteja vestindo ou a quantidade de maquiagem que ela passar. É algo que eu sempre admirei nela.

Eles decidiram deixar meu corpo num caixão fechado. Eu também teria preferido assim se eu pudesse ter uma opinião. Os convidados começaram a chegar e se sentar nas cadeiras dobráveis organizadas dos dois lados do corredor que dava para o altar, onde havia flores, fotos minhas em diferentes fases da vida, um púlpito e o caixão. Meus pais tinham escolhido realizar a cerimônia num lugar aberto, e não no interior de uma igreja. O dia estava bonito e o clima estava bem agradável.

Os primeiros a chegar foram meus primos e tios, que nunca foram muito próximos de mim. Eles falaram com meus pais e se sentaram em silêncio, ocupando toda a terceira fileira do lado direito do corredor. Meus avós por parte de mãe chegaram depois, junto com alguns outros membros da minha família.

Então, Alana chegou com seus pais. Ela hesitou um pouco antes de ir falar com minha família e seus pais foram na frente. Eles se sentaram na terceira fileira do lado esquerdo do corredor. Finalmente, Alana foi até meus pais e os dois a abraçaram como se ela também fosse da família. Acho que, nessa altura do campeonato, ela praticamente era. Ela abraçou Sarah também, e minha irmã a convidou para sentar ao seu lado, na primeira fileira.

Em seguida, Lucas chegou. Ele também abraçou meus pais e recebeu abraços de Sarah e de Alana e sentou ao lado delas, sem precisar de um convite formal. Depois, chegaram os meninos do time de vôlei e um pessoal da

escola. Tinha bastante gente. Eu não era especialmente próximo com a maioria daquelas pessoas, mas não acho que elas estavam fingindo. A verdade é que você nunca sabe quantas pessoas se importariam se você morresse até o dia do seu funeral.

Enfim, às 17h em ponto, o padre subiu no altar e começou a falar sobre como eu tinha sido uma pessoa muito especial e esse tipo de coisa, e então terminou com uma oração longa e um minuto de silêncio. Eu nunca fui religioso. Embora tenha sido batizado pela igreja católica, a Bíblia nunca fez muito sentido para mim, mas aquela oração fez com que meus pais se sentissem melhores e eu acho que agora eles deveriam aceitar qualquer oportunidade de conforto que lhes for oferecida.

Assim, o padre perguntou se alguém mais gostaria de dizer algumas palavras. Foram mais pessoas do que eu jamais teria imaginado. Deve ser reconfortante ter algum jeito de compartilhar velhas memórias de alguém que não terá a chance de criar novas. Foi, querendo ou não, uma cerimônia bonita.

No final, todos foram para a recepção que meus pais organizaram na minha casa. Sarah, Lucas, Alana, Otto e Olívia ficaram para trás. Eles ainda estavam sentados em seus lugares, em silêncio.

Alana estava chorando. Lucas e Sarah estavam olhando para o nada, sem saber o que fazer. Otto não sabia muito bem qual era seu papel ali, mas queria falar com alguém sobre a noite de quarta-feira. Olívia só estava

perdida em seus pensamentos, dominados em sua maioria por mim e minha irmã. Sarah também estava pensando nela. As duas decidiram que o que quer que elas tivessem que resolver entre si ficaria para depois.

Eles ficaram assim por uns 20 minutos, até que um funcionário da funerária começou a recolher as cadeiras e, por educação, todos se levantaram, naturalmente formando um grupinho.

— Então... O que nós vamos fazer? —Perguntou Lucas, quebrando o silêncio.

— Eu não quero voltar para casa. Alguma ideia? —Disse Sarah.

—Eu acho que eu quero ir ao lago. —Disse Alana, deixando todos sem palavras por um momento.

—O que? —Perguntou Otto, expressando a perplexidade que todos eles estavam sentindo.

— É. Eu quero ir ao último lugar onde ele esteve. Talvez assim as coisas façam um pouco mais de sentido. — Respondeu ela. Os outros pensaram sobre a ideia por um momento. Eles se entreolharam e todos acabaram concordando, embora Otto ainda não estivesse certo da decisão.

Assim, eles foram até o parque ecológico do Lago Velho no carro do pai de Lucas. Não era muito longe, então nenhum deles estava muito preparado para descer do carro quando eles chegaram.

Olívia foi a primeira a sair do banco de trás. Ela abriu a porta do carona e ofereceu a mão para Sarah, que a segurou, se esforçando para sorrir. Alana, Otto e Lucas saíram em seguida.

Eles andaram em direção ao lago e pararam no píer. Por um tempo, eles só ficaram assistindo ao pôr do sol em silêncio, como se tivessem todo o tempo do mundo.

—E aí? —Disse Otto, depois de alguns minutos.

—Eu achei que me sentiria diferente —respondeu Alana, desanimada —,mas droga nenhuma mudou até agora.

Depois de um tempo, Otto contou a eles sobre a noite de quarta na lanchonete e Alana contou sobre quando eu fui a sua casa na sexta. Eles fizeram uma linha do tempo da semana anterior e todos concordaram que eu estava bastante distraído e distante nos meus últimos dias. Aquela conversa fez com que meus amigos se sentissem melhores, mas eles ainda não conseguiam entender. Mas como eles poderiam se nem eu mesmo entendia?

Eu tenho quase certeza de que foi a loucura que me matou. Talvez tenha sido causada por algum efeito colateral dos antidepressivos ou estresse e ansiedade, ou talvez eu só fosse geneticamente predestinado a enlouquecer. É provável que ninguém nunca saiba exatamente. De qualquer jeito, não há como mudar o que aconteceu, então qual é a importância de tudo isso agora?

Então eles ficaram no píer por mais um tempo observando o reflexo das estrelas na água e conversando sobre nada, devaneando. Quando finalmente decidiram ir embora, todos se sentiam um pouco menos perdidos. A noite estava clara e fresca e os grilos cantavam à toda na grama úmida do parque enquanto eles caminhavam em direção ao carro. E, naquele momento, embora eles estivessem extremamente cansados e bastante confusos, eles tiveram esperança de que tudo ficaria bem.

FIM.